ODE
AO FELIZ GOVERNO
DE
S. ALTEZA REAL
O PRINCIPE REGENTE
NOSSO SENHOR,

DO

VELHO ABBADE DE S. JOÃO BAPTISTA
DE GONDAR
JOSÉ DE S. BERNARDINO BOTELHO.

LISBOA,
NA OFFIC. DA CASA LITTERARIA DO ARCO DO CEGO.

M. DCCC.

RPJCB

ODE.

CERRÃO-ME torvas sombras o Orisonte
Do proximo futuro impenetravel;
Mil pungentes molestias, mil cuidados,
Da pezada velhice companheiros,
São por lei do Supremo invariavel
Precursores do termo inalteravel.

Breve circulo encerra os restos debeis
Do meu caduco ser: de balde tento
Em gratas illusões, ó Musas bellas,
Com vosco amenisar meus tristes dias:
Se cadencias tirar da lira intento,
Cahe das fracas mãos vosso instrumento.

Mesmo o nativo amor da humanidade,
Que do tempo os revezes paralisão,
Receia investigar a dubia sorte
Dos voluveis mortais, que extraviados
As regras da prudencia insanos pisão;
Que os crimes por virtudes divinisão.

Basta de horror. As nuvens temerosas
Abre hum raio de luz celeste, e pura.
Trocou-se a scena; muda-se o destino.
Ouço de voz divina accento amavel,
Que os meus dias consola; que me augura
Epoca gloriosa de ventura.

És tu, Patria querida; com teus gestos
A minha alma sensivel não se engana:
Quando tu fallas, sempre attento escuto:
As outras paixões todas immudecem:
Sinto a nobre energia soberana,
Que sabes inspirar na raça humana.

Quan-

Quando banhada em gosto me appareces,
Conheço renascer minha alegria;
Resuscita o vigor da fresca idade;
Não sinto o pezo dos cançados annos:
Huma nova existencia principia;
Foge a negra, fatal melancolia.

Vejo em teus braços o motivo augusto
Do teu discreto amor, da tua gloria;
O magnanimo PRINCIPE adoravel,
Que, o valor á prudencia equilibrando,
Os teus passos regula, cuja historia
Occupa as dignas Filhas da Memoria.

Embocando o clarim, batendo as azas,
A veloz Pregoeira alonga o grito
Do universo aos confins: seu grande nome
Admira os cortezãos. Com que amor puro
Com vosco, ingenuo Povo, hoje o repito
Nos obscuros recintos, em que habito!

Entre infinitos males, que atribulão
Parte do Globo, e quasi a Europa toda,
Tranquillo Portugal da guerra externa
Triumfa, a paz interna conservando;
E a Fortuna, que á tantos incommóda,
Para nós tem suspensa a dubia róda.

Sem temer força estranha, os seus direitos
O Luso Cidadão leal, e puro
Na tutella das leis desfruta, e gosa.
O nosso agricultor em paz semeia,
Em paz recolhe: serve-lhe de muro
O Sceptro de JOAÕ firme, e seguro.

As procellosas ondas atravessão
Innumeraveis frotas carregadas:
De hum, e outro Emisferio se aproximão
As varias producções, e á nossos cofres
Novas riquezas vem multiplicadas,
Que protegem fortissimas armadas.

As Artes creadoras multiplicão
Commodos, e prazeres innocentes:
A industria nacional reanimada
Arreiga-se, vegéta, cresce, e leva
Fecundissimos ramos florescentes,
Onde pendem dos Ceos gratos presentes.

Os talentos, o merito, a virtude
Sabem que tem no Throno azillo certo.
O pobre desvalido não receia
O soberbo oppressor: a sã Justiça
Banio com singular discreto acerto
Este do Mundo usado desconcerto.

Oh PRINCIPE! que amais, e sois amado!
Que o trilho da razão seguis constante!
Fundando no bem publico o direito,
Que ao templo da Memoria vos eleva!
Pois que vi vosso seculo brilhante,
Fechai-vos, olhos meus; vivi bastante.

FIM.

20-001
C800
B748o